

Remessas de lucros e dividendos de investimento estrangeiro direto (IED): determinantes e sustentabilidade*

Martinho Roberto Lazzari**

Economista da FEE

Introdução

Durante os oito primeiros meses de 2006, houve um aumento de 34,2% nas remessas de lucros e dividendos de investimentos estrangeiros diretos¹ em relação ao mesmo período do ano anterior. Esse crescimento é ainda mais expressivo, quando se considera que, em 2005, o aumento da referida conta já havia sido de 67,1%. Os mais recentes **Relatórios de Inflação** (2006, 2006a) do Banco Central (Bacen) mostram que as previsões sobre o superávit da conta corrente foram frustradas pelo aumento do déficit da conta que contabiliza as remessas de lucros e dividendos.

Esse aumento do déficit da balança de serviços já era esperado, uma vez que, ao longo da última década, a economia brasileira foi receptora de importantes investimentos de empresas transnacionais (ET), que foram atraídas pela estabilização de preços a partir do Plano Real, pelas perspectivas de aumento da demanda interna e pelas privatizações ocorridas, principalmente, na segunda metade dos anos 90. No entanto, determinantes de ordem conjuntural, como o aumento dos lucros das empresas e a apreciação cambial, parecem estar pesando mais na explicação para o recente aumento das remessas.

Por outro lado, as condições de financiamento da conta de remessas não são das melhores. A associação entre IED e geração de divisas não tem sido muito importante, ao mesmo tempo em que as entradas líquidas de IED diminuíram consideravelmente após o fim das privatizações.

Para atender ao objetivo principal deste artigo, que é analisar mais profundamente o resumido acima, o texto divide-se como segue. No item 1, são apresentados os dados da evolução das remessas totais de lucros e dividendos, bem como a evolução por setores e por países. No item 2, são analisados os determinantes da forte elevação que essa conta experimentou em 2005 e 2006, chamando atenção para os fatores conjunturais. No item 3, apresenta-se uma discussão sobre as condições de sustentabilidade dessa conta, destacando o crescente comprometimento do saldo comercial com as remessas de lucros e dividendos e as condições de autofinanciamento das ET, no que diz respeito à sua capacidade de geração de divisas frente ao aumento das remessas. Nas **Considerações finais**, evidenciam-se os pontos mais importantes do texto.

1 Dados gerais

O saldo brasileiro da conta de remessas de lucros e dividendos do balanço de pagamentos tem-se mostrado estruturalmente negativo ao longo do tempo, decorrência natural de ser o País um receptor líquido de investimentos estrangeiros diretos. No que se refere ao interesse deste artigo, segundo dados do Banco Central, o passivo líquido do item participação no capital era de US\$ 133,6 bilhões em março de 2006, resultado de ativos brasileiros no exterior de US\$ 59,8 bilhões e de ativos estrangeiros no País de US\$ 193,4 bilhões.²

Quando se analisam os dados de remessas desde 1995, percebe-se que, após a elevação que estas experimentam em 1997 (Gráfico 1), iniciou-se um período, daquele ano até 2003, de certa estabilidade nos valores. Em 2004 e, principalmente, em 2005, o crescimento foi excepcional, dobrando em apenas dois anos. Pode-se

* Artigo recebido em 10 out. 2006.

** O autor agradece as sugestões feitas ao texto pelos colegas Pedro Almeida e Roberto Marcantonio, isentando-os, no entanto, de qualquer erro porventura remanescente.
E-mail: lazzari@fee.tche.br

¹ Dada a extensão do nome, essa conta será, ao longo do texto, substituída ora por remessas de lucros e dividendos, ora simplesmente por conta de remessas.

² Dados do Banco Central do Brasil. Totalizando-se todos os tipos de investimentos, o passivo líquido era de US\$ 399,2 bilhões em março de 2006.

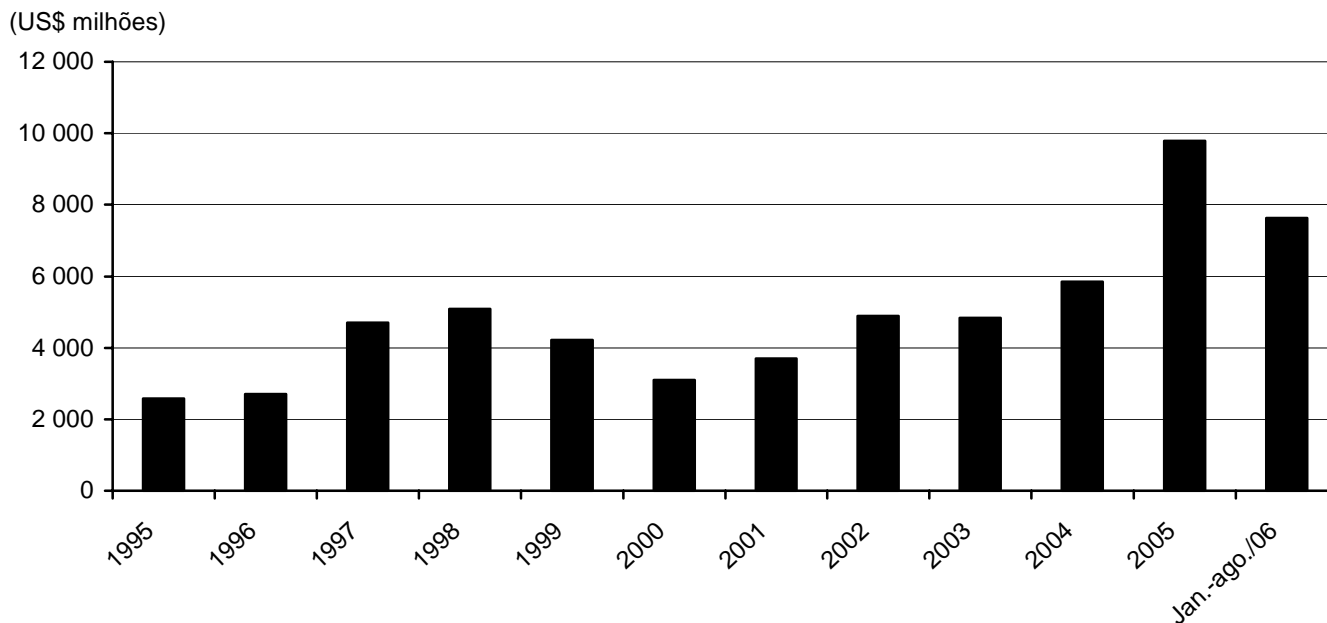
notar, ainda, que 2005 representou um verdadeiro salto nas remessas, com um crescimento de 67,1% em relação ao ano anterior, alcançando US\$ 9,8 bilhões, valor quase 10 vezes maior que a média da década de 80.³

Nos primeiros meses de 2006, a Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalização Econômica (Sobeet) não esperava que o crescimento de 2005 se repetisse em 2006. Assim, em fevereiro deste ano, análise da referida instituição indicava que “[...] o cenário mais provável nos parece ser o de remessas ainda elevadas em 2006, [mas] próximas ao

nível de 2005” (B. Sobeet, 2006, p. 2). Entretanto, até agosto, a conta de remessas alcançou US\$ 7,6 bilhões, 34,2% maior que a do mesmo período do ano anterior, acima, portanto, das expectativas. Mesmo o Banco Central teve suas previsões frustradas pelo aumento das remessas que se verifica em 2006. Em várias de suas notas mensais para a imprensa relativas ao setor externo, durante o ano, o Bacen informou valores para a conta de remessas maiores que os esperados pela instituição, resultando em superávits da conta corrente aquém do previsto inicialmente.

Gráfico 1

Remessas de lucros e dividendos do Brasil — 1995-ago./06



FONTE DOS DADOS BRUTOS: Banco Central do Brasil.



Pode-se analisar a conta de remessas por setores da economia. Tanto em todo o ano de 2005 como durante os primeiros oito meses de 2006, o setor que remeteu mais lucros e dividendos ao exterior foi o de intermediação financeira (Tabela 1). Em 2005, esse setor foi seguido de perto pelo de produtos alimentícios e bebidas, logo à

frente do de serviços prestados a empresas. Chama atenção, nesse ano, os relativamente baixos valores das remessas dos setores de correio e telecomunicações e de fabricação e montagem de veículos automotores. O primeiro foi o que mais recebeu investimentos estrangeiros diretos durante os anos 90, em razão da privatização do sistema Telebrás, ocorrida no período. No entanto, tal setor não apresentou, em 2005, um fluxo de remessas condizente com seu expressivo estoque de IED. O mesmo vale para o segundo setor, talvez o mais maduro em atividade no Brasil, mas que não apresentou grandes lucros nesse ano.

³ Apenas para não deixar o número sem comparação, o valor das exportações de 2005 é cinco vezes maior que a média das exportações dos anos 80.

Em 2006, as remessas do setor de intermediação financeira devem ultrapassar o valor já alto de 2005, apresentando-se tal setor novamente como o líder das remessas, algo até certo ponto esperado, visto os vultosos investimentos estrangeiros que recebeu nos últimos anos e dada sua expressiva taxa de lucro. O valor das remessas ligadas ao setor de fabricação e montagem de veículos automotores recuperou-se em 2006, impulsionado pelo envio de recursos para as matrizes em dificuldades (casos de GM e Ford

notadamente). Mas o maior crescimento coube ao setor de eletricidade, gás e água quente, que, até agosto, mais que dobrou as remessas dos 12 meses de 2005.

Ainda merece nota o fato de que, embora o setor de serviços tenha sido o que concentrou o recebimento do IED dos últimos 10 anos, principalmente via privatizações, ele está atrás do segmento industrial em lucros e dividendos remetidos ao exterior, mesmo que por pequena margem.⁴

Tabela 1

Remessas de lucros e dividendos, por setores, do Brasil — 2005/06

SETORES E TOTAL	JAN-AGO/05 (US\$ milhões) (A)	2005 (US\$ milhões) (B)	JAN-AGO/06 (US\$ milhões) (C)	VARIAÇÃO % C/A
Intermediação financeira	560	1 200	1 085	93,8
Fabricação e montagem de veículos automotores (1)	351	498	894	154,7
Eletricidade, gás e água quente	226	337	809	258,0
Produtos químicos	383	648	564	47,3
Metalurgia básica (2)	509	692	554	8,8
Serviços prestados a empresas.....	509	855	482	-5,3
Produtos alimentícios e bebidas	540	1 032	510	-5,6
Celulose, papel e produtos do papel	317	515	308	-2,8
Comércio	425	692	294	-30,8
Correio e telecomunicações	240	440	258	7,5
Outros	1 624	2 874	1 872	15,3
TOTAL	5 684	9 783	7 630	34,2

FONTE: Banco Central do Brasil.

(1) Inclui indústria de peças automotivas. (2) Inclui siderurgia.



Dentre os países receptores das remessas, destacam-se os Estados Unidos e a Espanha, não por acaso os dois que mais tiveram investimentos feitos a partir de empresas sediadas em seus territórios entre 1996 e 2006. Em 2005, os Estados Unidos foram o principal destino das remessas brasileiras, representando 25,0% do total (Tabela 2). Contribuiu decisivamente para isso a Lei de Repatriação dos Estados Unidos (Homeland Investment Act), vigente naquele ano, que concedeu incentivos fiscais (redução do ônus tributário dos usuais 35,0% para 5,25%) às companhias norte-americanas que repatriassem lucros e dividendos de suas subsidiárias no exterior (B. Sobeet, 2006). Tanto isso é verdade que as remessas aos Estados Unidos em 2006, até agosto,

são as únicas que apresentam redução em relação ao mesmo período do ano anterior. A Espanha foi o segundo destino em 2005, afóra os paraísos fiscais em conjunto, e está em primeiro lugar em 2006. As remessas associadas a esse país são influenciadas grandemente pelos enormes lucros do setor bancário, onde se destacam os investimentos do Banco Santander.

A relação dos 10 principais destinos das remessas guarda grande semelhança com a relação dos países que mais investiram no Brasil, nos últimos anos. As

⁴ Segundo dados do Banco Central do Brasil, entre as remessas a partir de US\$ 10,0 milhões, a parcela da indústria foi de 50,7% em 2005 e 50,9% em 2006, contra 43,8% e 46,5% dos serviços respectivamente. Os restantes couberam aos setores agropecuária e de extrativa mineral.

únicas exceções são Bélgica e Portugal. A primeira não apresenta grandes investimentos no País, mas uma importante fusão no setor alimentos e bebidas e a presença de uma empresa belga no setor eletricidade (exatamente o que mais aumentou suas remessas em 2006) garantem o valor de US\$ 390,0 milhões de lucros

e dividendos remetidos de janeiro a agosto de 2006. Quanto a Portugal, seus investimentos em setores privatizados, ao longo dos últimos anos, ainda não se transformaram em lucros a ponto de classificá-lo entre os 10 primeiros quanto ao destino das remessas brasileiras.

Tabela 2

Remessas de lucros e dividendos, por países, do Brasil — 2005/06

PAÍSES E TOTAL	JAN-AGO/05 (US\$ milhões) (A)	2005 (US\$ milhões) (B)	JAN-AGO/06 (US\$ milhões) (C)	VARIAÇÃO % C/A
Espanha	676	1 316	1 111	64,3
Estados Unidos	1 426	2 483	1 096	-23,1
Holanda	641	1 338	827	29,0
Paraísos fiscais (1)	724	993	834	15,2
Itália	119	249	515	332,8
Suíça	332	547	492	48,2
França	325	543	456	40,3
Bélgica	79	98	390	393,7
Alemanha	318	452	358	12,6
Japão	282	400	338	19,9
Outros	762	1 364	1 213	59,2
TOTAL	5 684	9 783	7 630	34,2

FONTE: Banco Central do Brasil.

(1) Luxemburgo, Ilhas Cayman, Ilhas Virgens, Bahamas, Bermudas, Uruguai e Panamá.

2 Determinantes

Uma causa estrutural, o aumento do estoque de IED, e duas conjunturais, a elevação dos lucros das ET e a apreciação cambial, são, pode-se dizer, os principais determinantes do crescimento recente das remessas de lucros e dividendos ao exterior. Tais hipóteses estão de acordo com análises da Sobeet e do próprio Banco Central.

Aumento do estoque de IED

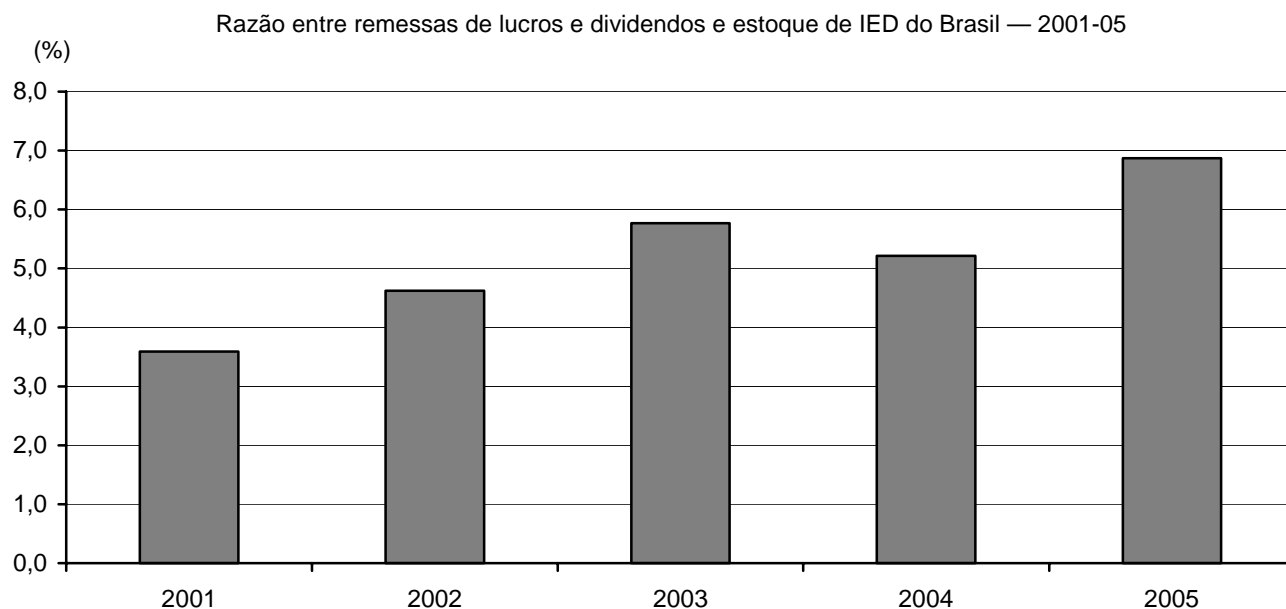
O valor médio do estoque de IED, entre 2000 e 2003, era de US\$ 101,3 bilhões. Em 2004, subiu para US\$ 142,5 bilhões e, ao final de 2005, já atingia a cifra de US\$ 177,0 bilhões. Os fluxos que alimentaram tal estoque se concentraram nos anos posteriores a 1995, recentemente portanto. A maturação de tais investimentos não tardaria

a gerar lucros e dividendos para suas matrizes, fazendo aumentar a conta de remessas. Era esperado, por conseguinte, que o valor das remessas se elevasse ao longo do tempo, como resultado do crescimento do estoque de investimentos estrangeiros diretos no País. O que chama atenção é a quebra tendencial, observável no Gráfico 1, que se deu no crescimento do valor das remessas em 2005 e que prossegue em 2006. O expressivo crescimento nesses anos é mais que proporcional ao aumento do estoque de IED. O Gráfico 2 mostra a razão entre o fluxo de remessas do ano t e o referido estoque do ano $t - 1$. A média dos últimos cinco anos fica em 5,2%, em linha com taxas médias de algumas outras economias emergentes, como as verificadas no Chile (8,0% de 1998 a 2004), na Rússia (5,3% de 2001 a 2005) e na Argentina (5,0% de 2003 a 2004) (Relatório..., 2005, p. 74). A novidade é o flagrante crescimento dessa razão em 2005, quando alcançou quase 7,0%.

Dito de outra forma, em 2005 e 2006, ocorre um crescimento extraordinário das remessas, que não é explicável pelo aumento natural do estoque de IED, uma vez que a razão entre remessas e estoque se elevou. Essa inflexão na tendência de crescimento deve, portanto, ser explicada a partir da conjuntura, pois o determinante estrutural (estoque de IED) não sofreu

alteração suficiente para afetar tão drasticamente o valor das remessas em tão curto período. Os fatores conjunturais que acabaram por determinar que as empresas remetessem ao exterior um fluxo maior de lucros e dividendos como proporção do estoque foram o aumento dos lucros das empresas e, principalmente, a apreciação cambial verificada no período recente.

Gráfico 2



FONTE DOS DADOS BRUTOS: Banco Central do Brasil.

Aumento do lucro das empresas

Há indicações de que a lucratividade incidente sobre o crescente estoque se tenha elevado nos últimos anos. Evidências disso são os aumentos, em 2005, de 28,9% e 31,0% da Contribuição Social Sobre o Lucro Líquido (CSLL) e do Imposto de Renda da Pessoa Jurídica (IRPJ) respectivamente. Entre janeiro e agosto de 2006, o crescimento desses tributos, entretanto, diminuiu para 8,8% e 14,6% respectivamente. O suposto menor crescimento dos lucros em 2006 pode ser parte da explicação para a também redução da taxa de crescimento das remessas neste ano.

Apreciação cambial

Sabe-se que uma apreciação cambial tem efeito direto sobre a conta de remessas de lucros e dividendos ao exterior, pois um real forte permite a compra de um volume maior de dólares. O Gráfico 3 mostra o funcionamento desse efeito, e também do seu inverso, na economia brasileira, durante os últimos 11 anos.

Entre o início de 1996 e dezembro de 1998 (fase I do Gráfico 3), a taxa de câmbio real permaneceu praticamente estável ao longo do tempo. Nesse período, quando vigorava o regime de bandas cambiais⁵, as remessas apresentaram crescimento nos anos de 1997 e 1998, possivelmente em consequência da elevação

⁵ O regime de bandas cambiais adotado pelo Banco Central teve início em março de 1995 e durou até dezembro de 1998.

do estoque de IED, da evidência, cada vez mais forte, de que o real se encontrava apreciado e das crises externas do período. Merece destaque o forte crescimento das remessas nos meses que antecederam a mudança do regime cambial no início de 1999. A depreciação que se seguiu (fase II do Gráfico 3) e que durou até dezembro de 2002⁶ desestimulou o envio de lucros e dividendos por parte das ET aqui instaladas. Mesmo que o estoque de IED continuasse aumentando, o valor médio das remessas manteve-se relativamente estável, apresentando apenas oscilações normais para esse tipo de conta. A partir de janeiro de 2003, iniciou uma fase (a III do Gráfico 3) de apreciação do real que prossegue até os dias atuais. Nesse período, ocorre um movimento inequívoco de aumento das remessas, evidenciando uma estreita relação entre as duas variáveis no período recente.

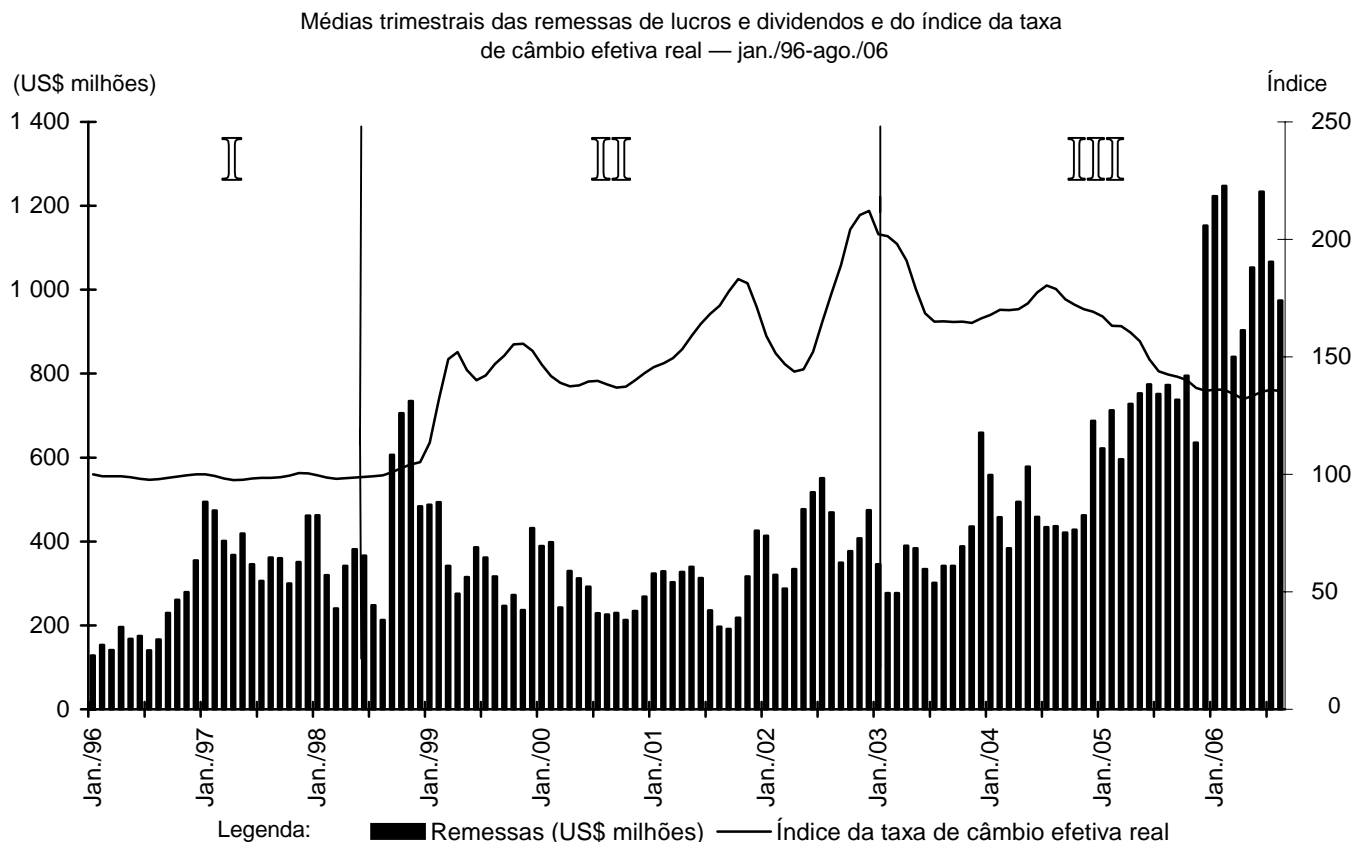
Além do efeito direto, a apreciação da taxa de câmbio parece ter contribuído com outros incentivos para a elevação das remessas, marcadamente em 2005 e 2006. O primeiro deles é de origem expectacional. A hipótese é que os dirigentes das ET entenderam o período de apreciação como uma janela de oportunidade e aumentaram as remessas. Isto porque esperavam que a apreciação não fosse sustentável, prevendo, para os meses seguintes, depreciação da taxa de câmbio. Calculando a partir das séries históricas das expectativas de mercado do Banco Central, chega-se à conclusão de que, durante 2005, a expectativa média de depreciação da taxa de câmbio era de 9,6% para os 12 meses à frente. Essa expectativa pode, sim, portanto, ter estimulado as ET a remeterem uma proporção maior de seus lucros ao longo do ano. Nos primeiros oito meses de 2006, a expectativa média caiu para 4,6%, o que pode ajudar a explicar a redução da taxa de crescimento das remessas neste ano, na comparação com a taxa do ano anterior.

Por outro lado, mesmo que houvesse uma depreciação de 10,0%, a nova taxa de câmbio seria ainda muito baixa para estimular reinvestimentos de lucros de empresas exportadoras, já que a moeda nacional apreciada é um grande desestímulo para suas decisões de produção. Havia-se ensaiado um movimento de investimentos em plantas para exportação, notadamente nos setores alimentício e automotivo, mas o valor do dólar parece ter desestimulado tais operações. Parte dos lucros que poderiam ser reinvestidos tomou o rumo das

matrizes ou de outros países mais atraentes do ponto de vista das possibilidades competitivas.

⁶ Houve um período de apreciação entre novembro de 2001 e abril de 2002, mas que não se sustentou.

Gráfico 3



FONTE DOS DADOS BRUTOS: Banco Central do Brasil.
IPEA.

NOTA: Os índices têm como base jan./96 = 100.

3 Sustentabilidade

Mesmo que condições conjunturais possam vir, no futuro, a desincentivar o envio de lucros e dividendos para fora do País, a duradoura condição de receptor líquido de investimento estrangeiro direto induz a pensar que o Brasil continuará a apresentar crescimento da conta de remessas no longo prazo. A partir disso, é importante analisarem-se as condições de sustentabilidade dessa situação e sua influência sobre o balanço de pagamentos. Pode-se ver essa questão a partir de duas formas: a primeira diz respeito ao desempenho da conta de remessas e sua influência sobre a conta corrente, enquanto a segunda analisa as condições de financiamento dos déficits a partir da entrada de IED e das estratégias das ET.

Deixando de lado a conta de transferências unilaterais, pode-se analisar o desempenho da conta de transações correntes (TC) do Brasil a partir dos resultados da balança comercial (BC) e da balança de serviços e rendas (BSR), presentes na Tabela 3. Em 2003 e 2004, o saldo positivo e crescente da TC é resultado de uma BC também positiva e crescente e de uma BSR relativamente estável. Em 2005, o superávit das TC continuou a aumentar, mas sem a mesma intensidade, pois o resultado negativo da BSR começou a pesar, apresentando uma taxa de crescimento superior à da BC.⁷ Até agosto de 2006, o resultado da TC encolheu 4,7% em relação ao mesmo período do ano anterior. Isso se deveu a um crescimento de 10,0% do déficit da BSR e a um aumento de 4,8% no superávit da BC. Para tais

⁷ Nesse ano, o valor do déficit da balança de serviços e rendas cresceu 35,4% contra 33,0% da balança comercial.

resultados da BSR, muito contribuíram os aumentos verificados nos valores da conta de remessas de lucros e dividendos, cujas taxas de crescimento já foram notadas.⁸

Pode-se ver mais na Tabela 4: a razão entre remessas e saldo comercial, que era de 1,40 em 2001, caiu para 0,17 em 2004, principalmente em decorrência do forte aumento do superávit comercial no período. Entretanto essa razão inverteu a tendência e cresceu em 2005 e 2006, expressando um maior comprometimento dos saldos comerciais com as remessas de lucros e dividendos. Os dados indicam que, de janeiro a agosto de 2006, o valor líquido das remessas consumiu 26,0% do valor do saldo comercial, contra 17,0% em 2004. É claro que a situação das contas externas brasileiras ainda é muito confortável, mas também é claro que a conta de remessas de lucros e dividendos, nos últimos anos, vem comprometendo parcela cada vez maior dos saldos comerciais.

A partir de 1995, quando se deu o início da nova onda de entrada de IED no Brasil, vários economistas mostraram-se preocupados com o efeito da atividade das ET sobre as contas externas. Segundo a constatação feita em vários estudos, empresas com interesses em vários países trabalham com um volume de importações sobre a produção maior que empresas nacionais.⁹ Isso quer dizer que o aumento de IED leva ao crescimento das importações, sem, necessariamente, elevar as exportações. Além disso, o investimento estrangeiro direto, reproduzindo-se no País, gera lucros e dividendos, que são remetidos à matriz no exterior. Essa necessidade de recursos em moeda estrangeira poderia ser contrabalançada pelo aumento das exportações ou pela substituição de importações por parte dessas empresas. Logo, em prazos mais alongados, a sustentabilidade dessa equação dependeria, em última instância, da capacidade exportadora das ET, a qual é resultado da estratégia das referidas empresas num ambiente de incentivos, que dependem, em grande parte, da política econômica.

O presente texto não tem por objetivo analisar toda essa relação, mas tão-somente observar alguns dados úteis que auxiliem na compreensão do financiamento das remessas de lucros e dividendos. O valor das remessas não é um problema em si, desde que, por exemplo, elas

sejam financiadas pela entrada contínua de novos investimentos estrangeiros ou pela expansão das exportações. Sendo assim, é preocupante o caso brasileiro, pois a razão entre as remessas e as entradas líquidas tem aumentado nos últimos anos, até atingir 75,1 no período jan.-ago./06. Ou seja, o valor das remessas já representa três quartos do valor das entradas líquidas de IED. Isso se deve muito mais à redução das entradas de novos investimentos do que ao aumento das remessas, em parte esperado.

Como já analisado anteriormente, a apreciação cambial vem tanto incentivando o aumento de remessas quanto desincentivando novos investimentos em setores exportadores, o que coloca em questão o autofinanciamento da expansão das ET em termos de divisas. Além da questão cambial, o crescimento econômico, que deveria ser o principal atrativo aos novos investimentos após o fim das privatizações, não tem tido magnitude capaz de influenciar muitos novos projetos de investimento.

A associação entre investimentos estrangeiros diretos e geração de divisas não se tem mostrado muito estreita no caso brasileiro. Isso se deve, simplesmente, pela preponderância de investimentos em serviços, sabidamente um setor de não comercializáveis. Entre 1996 e 2000, o IED que entrou no País se concentrou fortemente no setor de serviços (80,2%), atraído pelas privatizações de empresas dos setores de telecomunicações, de eletricidade e financeiro. No mesmo período, o setor industrial recebeu tão-somente 18,1% dos investimentos. Mesmo com o fim das entradas de investimentos atraídos pelas privatizações, o setor de serviços continuou a ser o destino da maior parte do IED entre janeiro de 2001 e agosto de 2006. Nesse período, sua parcela média foi ainda de 54,3%, restando à indústria 38,1% dos investimentos e 7,6% aos setores agrícola e de extrativa mineral. A relação entre IED e geração de divisas ressurte-se, ainda, do fato de ser reduzida a participação de investimentos industriais que possuam como estratégia dominante a produção para exportação. Esse aspecto se agravou com a apreciação cambial, já descrita anteriormente.

Como é sabido, a política econômica em vigor tem levado a baixas taxas de crescimento econômico e contribuído para a valorização cambial. Ambas desestimulam a entrada de novos investimentos estrangeiros, e a segunda dificulta a realização de investimentos voltados às exportações ou à substituição de importações por parte das ET. Assim, a política econômica acaba por colaborar com a imposição de um ambiente em que a expansão das transnacionais é

⁸ A importância da conta de remessas na balança de rendas e serviços vem aumentando ininterruptamente desde 2003. Nesse ano, sua parcela era de 20,6%, crescendo para 31,5% no período jan.-ago./06.

⁹ Ver De Negri e Laplane (2003).

incapaz de autofinanciar-se em termos de geração de divisas.

Por outro lado, o baixo crescimento econômico e a apreciação cambial estão incentivando as empresas nacionais a aumentarem seus investimentos no exterior.

De janeiro de 2004 até agosto de 2006, empresas sediadas no Brasil investiram US\$ 15,3 bilhões em países estrangeiros. O recebimento de lucros e dividendos também aumentou em anos recentes. No mesmo período, as receitas somaram US\$ 2,4 bilhões.

Tabela 3

Decomposição das contas de transações correntes do balanço de pagamentos no Brasil — 2003-ago./06

(US\$ milhões)					
CONTAS DE TRANSAÇÕES CORRENTES	2003	2004	2005	JAN-AGO/05	JAN-AGO/06
Transações correntes	4 063	11 669	14 193	8 628	8 225
Balança comercial	24 825	33 693	44 748	28 319	29 684
Balança de serviços e rendas	-23 628	-25 293	-34 113	-21 992	-24 188
Serviços	-5 076	-4 773	-8 146	-5 013	-5 926
Rendas	-18 552	-20 520	-25 967	-16 979	-18 263
Lucros e dividendos	-4 836	-5 853	-9 783	-5 684	-7 630
Transferências unilaterais	2 867	3 268	3 558	2 301	2 729

FONTE: Banco Central do Brasil.

Tabela 4

Remessas de lucros e dividendos, saldo comercial e entrada líquida de IED no Brasil — 2001-ago./06

PERÍODOS	REMESSAS (US\$ milhões) (A)	SALDO COMERCIAL (US\$ milhões) (B)	ENTRADA LÍQUIDA DE IED (US\$ milhões) (C)	A/B (%)	A/C (%)
2001	3 702	2 650	22 457	1,40	16,5
2002	4 891	13 121	16 590	0,37	29,5
2003	4 836	24 794	10 144	0,20	47,7
2004	5 853	33 641	18 146	0,17	32,3
2005	9 783	44 748	15 066	0,22	64,9
Jan.-ago./06	7 630	29 684	10 155	0,26	75,1

FONTE: Banco Central do Brasil.

4 Considerações finais

Tratou-se, aqui, da análise da elevação recente do valor da conta de remessas de lucros e dividendos associados ao investimento estrangeiro direto no Brasil. Foram apontadas as suas principais causas e as condições que podem influenciar sua sustentabilidade no futuro. O aumento das remessas ao exterior não está sendo muito notado, em razão do ótimo estado em que

se encontram as contas externas nacionais. Mas, mesmo encobertos, os danos podem ser medidos, e é o que se tentou mostrar neste artigo. Viu-se que o déficit originado na conta de lucros e dividendos está aumentando rapidamente sua importância na conta de transações correntes e que a sustentabilidade dessa conta pode ser um foco de preocupação no futuro, quando as condições hoje vigentes na economia internacional deixarem de ser tão favoráveis.

Referências

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Informações econômicas. Setor externo. **Nota para a imprensa**. Brasília, DF: BACEN, vários números. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br> Acesso em: 21 set. 2006.

BOLETIM DA SOBEET. São Paulo: Sobeet, v. 3, n. 38, fev. 2006.

DE NEGRI, Fernanda; LAPLANE, Mariano. **Impactos das empresas estrangeiras sobre o comércio exterior brasileiro: evidências da década de 90**. Brasília: IPEA, 2003. (Texto para discussão, n. 1002).

FERNANDES, Adriana. Câmbio estimula remessas de dólar. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 21 abr. 2006.

INVERSIÓN extranjera en América Latina y el Caribe — 2005, LA. Santiago: CEPAL, abr. 2006.

NAKAGAWA, Fernando. Saldo em conta corrente recua em junho. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 21 jul. 2006.

NUNES, Vicente. Remessa de lucros bate recorde. **Correio Braziliense**, Brasília, 22 fev. 2006.

NUNES, Vicente. Remessas ao exterior crescem 42%. **Correio Braziliense**, Brasília, 18 ago. 2006.

RELATÓRIO de inflação Brasília: BACEN, 2005. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br> Acesso em: 04 set. 2006.

RELATÓRIO de inflação Brasília: BACEN, 2006. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br> Acesso em: 04 set. 2006.

RELATÓRIO de inflação Brasília: BACEN, 2006a. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br> Acesso em: 04 set. 2006.